

CHEGANÇA SANTA CRUZ DE ITABAIANA: “COMBATES” ENTRE CRISTÃOS E MOUROS NO AGRESTE SERGIPANO

Anderson da Silva Almeida*

RESUMO: *Este trabalho tem como objetivo o registro histórico do grupo folclórico “Chegança Santa Cruz” da cidade de Itabaiana-SE, o qual representa de forma lúdica as aventuras dos marinheiros portugueses – que representam os cristãos – e a luta destes com os mouros, cujo objetivo final é a cristianização da mourama. Fundamentou-se principalmente em depoimentos orais dos integrantes da Chegança e de alguns poucos interessados no tema, como também em fontes bibliográficas. Nessa pesquisa, tivemos a oportunidade de observar a dinâmica própria que acompanha esses conjuntos, como também sua importância na preservação e na representação da cultura nacional.*

Palavras-chave: Folclore; Cultura; Memória.

DESFRALDAR AS VELAS. VAMOS PARTIR!

As expressões folclóricas não se repetem integralmente no tempo e muito menos no espaço. Mas toda essa extrema diversidade tem como fundamento, propósito e substância o fato de as pessoas brincarem pra dizerem a elas mesmas e aos outros, quem são e como são. E essa brincadeira é algo que temos de levar muito a sério (Corrêa, 2003, p.07).

É através das palavras de Corrêa que pretendemos fazer nossa viagem, compreendendo a dinâmica própria que acompanha esses grupos, nos despidendo de qualquer opinião preconcebida sobre o assunto, tentando analisar de maneira responsável e coerente com o papel do historiador. Como início, tentaremos desvendar o que venha a ser uma *Chegança*, suas influências e seus fundamentos históricos. O próximo porto nos remete mais precisamente à origem do folguedo de seu Zé da Biné, seu nome, suas características, símbolos, música, personagens e perfil social. O mar nos espera com todos seus mistérios e surpresas. Nossa aventura começa agora.

Meu comandante devo autorizar/ a saída do navio, pois queremos viajar/
Capitão-piloto autorizado está/ mande puxar o ferro, tratamos de viajar/
Embarca embarca/ embarca logo, que a hora é essa que a hora é essa/ Tocou
apito, tocou apito, embarca depressa/ embarca depressa. (*Marcha Ligeira da Chegança Santa Cruz*).

O QUE É CHEGANÇA?

Segundo Cascudo (1954, p.172), em Portugal, era dança no século XVIII, proibida por D. João V em 1745, sob pena de prisão no Aljube e no Tronco. Era extremamente lasciva e sensual,

* Acadêmico do Curso de História da Universidade Católica do Salvador: anderson.sergipe@bol.com.br.
Orientador: Prof. Charles D’Almeida Sant’anna, doutor em História Social – PUC-SP.

mas se tornara popularíssima e o povo cantava: “já não se dançam chegança, que não quer nosso rei / porque lhe diz Frei Gaspar, que é coisa contra a lei”.

De acordo com Dantas (1976, p.04) essas manifestações culturais de estilo vil no canto, vilíssimo no que se profere, invadiram também os conventos. Para combatê-las, os romancistas católicos utilizavam músicas e poemas como este apresentado por Cascudo. Um romance católico, impresso em Lisboa em 1734, as apresenta como invenções do diabo: “ó humanos quem dirá, que as cheganças deste tempo, não é coisa infernal”. Ironicamente, esse mesmo tipo de manifestação viria a ser usado pela Igreja Católica, como representação da vitória dos cristãos sobre os muçulmanos.

No Brasil, a chegança se transformou em auto do ciclo natalino. Romero (1954, p.316), ao registrá-la no século XIX, denominou-as de *Chegança dos mouros e Chegança dos marujos*, sendo que a primeira refere-se às lutas travadas nos mares entre cristãos e mouros, e a segunda diz respeito à representação dos episódios ocorridos nas viagens dos marinheiros portugueses, não relacionados ao combate, tais como: O Embarque, O Anau Perdido, O Contrabando dos Guardas-marinha, A Rezinga Grande, dentre outros. Esta classificação gerou um amplo debate intelectual entre os estudiosos do tema. Um grupo defendia a existência das duas classificações, enquanto o outro acreditava na existência de apenas um tipo de Chegança, da qual os episódios náuticos teriam ganho destaque para constituir outros tipos de manifestações, a exemplo da Barca, o Fandango e a Marujada. Sobre essa questão, Dantas (1976, p.04) afirma: “desafiando a perspicácia dos estudiosos, continuam a vigorar no nordeste, as duas formas de Chegança”. Cascudo (1954, p.173) aponta para a existência de um único tipo, afirmando ser a Chegança como uma representação de cenas marítimas, culminando pela abordagem dos mouros, que são vencidos e batizados. É nessa definição que vamos identificar a *Chegança Santa Cruz de Itabaiana*.

CHEGANÇA SANTA CRUZ DE ITABAIANA: ORIGEM

A Chegança Santa Cruz teve sua origem em uma história contada pelo senhor Manoel Lourenço dos Reis ao jovem José Serafim de Meneses (Zé de Binel ou Zé da Biné), na qual ele lhe disse que, da terra de onde tinha vindo, existia um folguedo que se chamava Chegança e descreveu para José como se representava o tal folguedo. Seu Manoel fez alguns ensaios para demonstrar como funcionava e aquilo encantou Zé da Biné, que a partir dali se empenhou e conseguiu organizar e fundar, no dia 10 de abril de 1947, com apenas 15 anos de idade, a Chegança Santa Cruz de Itabaiana.

O nome

Durante os séculos XVI e XVII, travou-se entre os cronistas do novo mundo, uma intensa disputa ideológica no sentido de nomear as terras descobertas (ou invadidas) por Portugal no Atlântico Sul. De um lado, estavam os humanistas portugueses, que preferiam o nome do lenho sagrado - *Santa Cruz*, e do outro, os comerciantes, que defendiam o nome de *Brasil*, em alusão à madeira de mesmo nome. Essa disputa não aparece apenas pela beleza ou sonoridade dos nomes em questão, ela apresenta-se também como uma batalha no plano espiritual entre o bem e o mal. Para alguns humanistas, a *Santa Cruz* representava o sacrifício de Cristo na gênese da terra encontrada. Assim o demônio começou a agir para derrubá-la e eles não conseguiam entender como “o nome de um pau que tingia panos, importasse mais do que o daquele pau que deu tintura

a todos nós os sacramentos, porque somos salvos pelo sangue de Cristo que nele foi derramado” (Souza, 2004, p.36). Superada essa disputa e prevalecendo o nome de *Brasil*, o nome do lenho sagrado permaneceu em todas as partes do nosso território, nomeando times de futebol, cidades, bairros, avenidas, ruas e diversos tipos de estabelecimentos, e ainda hoje faz parte do inconsciente coletivo. É nesse contexto que vamos encontrar, na cidade de Itabaiana-SE, todas essas características comuns em cada canto do país e do nome de uma fábrica surge a inspiração para denominar a Chegança de Zé da Biné. É a *Fábrica de Sabões Santa Cruz* (Saboaria Santa Cruz) de propriedade de seu padrinho, Francisquinho da Saboaria – Chico Risada. O que nos surpreende é que a disputa entre o bem e o mal que envolvia a terra “descoberta” continua, agora não entre os nomes e, sim, entre os cristãos e os mouros, entre os fiéis e os infiéis. E a Santa Cruz, como símbolo do sofrimento cristão, perpetua-se nesse “combate”.

CHEGANÇA DOS MOUROS? DOS MARUJOS? OU SIMPLEMENTE CHEGANÇA?

Era uma só quando fosse combate só da marujada, da *Chegança*. Más se existe o combate da mourama com a cristandade, existe duas. Más quando é preso os mouros significa em uma [...] então a *Chegança* nossa é do jeito que eu aprendi [...] é um grupo religioso. (MENESES, 2004, f.01).

A falta de clareza e a aparente confusão nas palavras de seu Zé não nos surpreendem, visto que, como comentamos anteriormente, este é um debate que acompanha os estudiosos mais eruditos do assunto. Porém fica claro, independentemente de ser dos mouros ou dos marujos, o seu caráter religioso e de propagação da vitória dos cristãos sobre os “infiéis”. É a reprodução do imaginário coletivo que consolida, através dessa manifestação cultural, a vitória do bem contra o mal. Isso fica evidente quando analisamos outra passagem do depoimento de seu Zé da Biné:

Quando a gente sai para fazer uma representação, fica o rei, a rainha, os mouros, (eles) não pode chegar na porta da igreja, fica do lado ou no fundo porque eles não são batizados, agora, depois que nós (a cristandade) prende os mouros e o rei, nós se reúne junto com eles depois que faz a prisão [...] e então eles despede pra Turquia e nós ficamos no Brasil. (MENESES, 2004, f.01).

Essa característica religiosa é reforçada por todos os símbolos que estão presentes no grupo. Nas músicas cantadas durante as apresentações, nas falas dos personagens, nos estandartes, está sempre presente e marcante a ideologia cristã. Essa representação retrata as perseguições empreitadas pelos cristãos a partir do século XI contra os não cristãos e corporificadas através das cruzadas. Os não adeptos do cristianismo eram vistos como representantes do diabo, e esses hereges deveriam, quase sempre pelo uso da força, serem purificados e convertidos através do batismo. Só assim conseguiriam o direito de entrar no paraíso e após isso seriam chamados de cristãos novos. É esse fato histórico que se faz presente nas encenações do folguedo.

Símbolos



Os símbolos da Chegança expressam visualmente todas as características que a acompanham. Este estandarte é o escudo do grupo. Desenhado na forma elíptica, tendo ao centro uma âncora, demonstrando a identidade marinheira do folguedo, ao lado direito do símbolo náutico, temos a *Santa Cruz* e, do lado esquerdo, aparece a representação de uma capela. Essas três imagens nos parece estarem envolvidas numa espécie de timão, instrumento que serve para direcionar as manobras dos navios. Acima do desenho central, está escrita a nomenclatura do grupo (Chegança Santa Cruz) e a cidade à qual pertence (Itabaiana) e logo abaixo encontramos o nome do organizador em forma de apelido (Zé de Binel).

Bandeira da Mourama



Esta bandeira traz a representação do grupo da *mourama*. Pintada nas cores vermelha e verde dispostas em forma de um tabuleiro de xadrez, traz a inscrição “*Salve o Rei de Alexandria e os sete pares de França*” escritas em forma de arcos. Essa mensagem é uma clara alusão ao romance *Carlos Magno e os doze pares de França*. Segundo Macedo (2000, p.15), este livro foi escrito pelo espanhol Nicolau Piemonte em 1525 e adaptado pelo português Jerônimo Moreira Carvalho entre 1728 e 1717, depois ampliado por escritor anônimo. Ele ainda esclarece que Luís da Câmara Cascudo não hesitava em afirmar que esse romance tinha sido a obra mais conhecida pelo povo brasileiro do interior até pelo menos o princípio do século XX e descreve:

De escassa popularidade nos grandes centros urbanos, mantinha seu domínio nas fazendas de gado, engenhos de açúcar e outras, sendo às vezes, o único exemplar impresso existente em casa. Motivava sessões de leitura em voz alta, permitindo o seu aprendizado inclusive por analfabetos, que aprendiam de cor: ‘nenhum sertanejo ignorava as façanhas dos Pares ou a imponência do imperador da barba florida’ (MACEDO, 2000, p. 17).

Diante dessa influência, surge-nos algumas indagações que, no momento, não conseguimos esclarecer, e talvez nunca consigamos, em virtude das mutações próprias que permeiam os grupos de tradição oral, tendo em vista que não se tem nada escrito sobre a *Santa*

Cruz e todo o enredo da apresentação e sua origem estão registrados apenas na memória de seu fundador. Vamos a elas: sabendo-se que os *Pares de França* lutaram ao lado de Carlos Magno, que foi um imperador cristão, sendo canonizado e imortalizado pela Igreja Católica como o grande vencedor da luta contra os muçulmanos. Como e de que maneira eles foram parar na bandeira da mourama junto com o rei de Alexandria (Ferrabrás) que representa os seguidores de Maomé? Outra questão que nos instiga, embora seja de mais fácil dedução, é o fato de aparecer, na bandeira dos mouros, somente *Sete Pares de França* e não *Doze*, como na história original. A hipótese que nos vem à mente, embora não comprovada pelos componentes, é a de que tenha havido uma adaptação meramente matemática diante da inexistência de um número ideal de componentes para compor as encenações. Completando a descrição deste estandarte, encontramos no centro uma coroa dourada representando a autoridade real e, logo abaixo dela, duas espadas cruzadas, representando o combate. Entrecortando essas espadas, a mensagem: *A Chegança Santa Cruz de Itabaiana, saúda as autoridades locais*.

A Flâmula da Cristandade



Nesta bandeira predominam as cores azul e branca. A justificativa que nos aparece é o fato de que na primeira bandeira de Portugal eram essas as cores que predominavam. A bandeira do conde de Dom Henrique, de 1139, era nessas cores e permaneceu até 1245 no reinado de Dom Sancho II. A partir de 1883, no reinado de Dona Maria II, essas cores voltam a dominar a flâmula portuguesa, sendo substituídas em 1910 pela atual bandeira daquele país, na qual predominam as cores verde e vermelha, contraditoriamente representadas na bandeira da mourama. Constituem ainda esse estandarte uma âncora ao centro, caracterizando os marinheiros; duas cruzes dispostas em lados opostos, demonstrando a presença religiosa; duas espadas douradas, cada uma apontando para lados contrários. Diferentemente das espadas dos mouros, elas não simulam combate. Ainda temos seis estrelas douradas divididas em número igual entre os dois lados da bandeira. Acima delas, está a saudação: *A direção da Chegança Santa Cruz, saúda as autoridades locais*, e, abaixo das espadas, está a mensagem: *Lutamos a favor da cristandade*.

Personagens

Os personagens são divididos em dois grupos distintos: os representantes da cristandade e os membros da mourama. O primeiro se constitui basicamente dos profissionais da marinha e vestem uniformes nas cores azul e branca. Observando o dispositivo presente nas apresentações, encontramos a seguinte organização: Capitão-piloto, pandeiristas, Capitão-patrão, Contra-mestre, Gajeiro-grande, cozinheiro, 1º Cabo-guardião, 2º Cabo-guardião, 1º Sargento, 2º Sargento, 1º Guarda-marinha, 2º Guarda-marinha, padre, doutor, Capitão-imediato, Capitão-tenente, Capitão-de-Corveta, Capitão-de-Fragata, 1º Tenente, 2º Tenente e, ao fundo, temos o General ou Almirante. Conduzindo o símbolo do grupo, está a porta-bandeira.

O outro figurativo tem um número bem menor de personagens. O grupo é composto pelo rei de Alexandria (Ferrabrás), os *Sete Pares de França* – também chamados de embaixadores, um ministro, que é a segunda pessoa do rei, duas princesas e uma rainha. É interessante observarmos que os mouros não incorporam o dispositivo no início das apresentações, eles só integram o conjunto após serem vencidos na luta e aceitarem a conversão ao cristianismo, ritualizada no batismo. Em seus uniformes, destacam-se as cores: verde, amarela e vermelha e o seu pavilhão é conduzido pelo porta-bandeira.

MÚSICA: O BALANÇO DO MAR; O SOM DO COMBATE!

A música se constitui como a alma da Chegança. É através dela que se desenvolve toda a temática do folguedo, e é ela quem determina as passagens de uma jornada para outra, quebrando ou intensificando as tensões entre os dois grupos rivais. A parte rítmica é feita por seis pandeiros, que são tocados pelos próprios componentes, e executam quatro tipos de marchas: *marcha ligeira*, *marcha bailada*, *marcha pulada* e *marcha lenta ou batida*.

A *marcha ligeira* costuma ser apresentada nas entradas de rua e nos cumprimentos das autoridades, considerada como uma das mais importantes. Tem um andamento mais acelerado que as demais, e sua divisão rítmica lembra um arrasta-pé. A *marcha bailada* relembra um pouco a execução de um bolero e é executada nos cantos de agradecimento e de caráter religioso. A *marcha pulada* é entoada nas cantorias de características marinheiras e abordam a vida no mar e a rotina das fainas que são executadas à bordo das embarcações. Por último, a *marcha lenta ou batida* remete às canções dos temas da guerra, sua pulsação repetida influencia os participantes e os motivam para o combate.

PERFIL SOCIAL: A TRIPULAÇÃO

Percebendo a própria organização social da nossa cidade, pude identificar que a *filarmônica* sempre foi uma manifestação artístico-cultural mais ligada à elite, às pessoas com um certo poder econômico, enquanto a *chegança* era identificada como uma manifestação mais folclórica [...] até no termo folclore a gente vê que há um preconceito, é uma coisa do povo, das pessoas que não tem uma cultura rica [...] como isso é folclore, isso é do povo, não representa muita coisa (DUARTE, 2004, f. 02).

Como toda manifestação genuinamente popular, o folguedo, desde sua origem, tem como integrantes pessoas oriundas das camadas menos favorecidas da sociedade itabaiense. Conforme relato do professor Duarte, que participou de alguns ensaios da Chegança, na posição de calafatinho, existia na época uma certa divisão social na cidade quanto à participação dos jovens nas manifestações culturais, em que os filhos das classes mais privilegiadas eram direcionados para a *Filarmônica Nossa Senhora da Conceição*, onde teriam contato com a música dita erudita e aprenderiam a tocar um instrumento musical com conhecimento de partituras. Isso servia como uma espécie de status para o jovem, como também para sua família. Enquanto os “filhos de pobre”, se quisessem participar da vida cultural da cidade, invariavelmente teriam de ir para a Chegança.

Hoje, como àquela época, os integrantes da Chegança Santa Cruz são pessoas simples que exercem em sua grande maioria atividades braçais; são carroceiros, pedreiros, ajudantes, roceiros, garis e etc., que compõem, juntamente com outros trabalhadores, o perfil social da Chegança, que atualmente conta com trinta e dois componentes.

CHEGAMOS AO PORTO, MAS A VIAGEM CONTINUA!

Adeus meu povo todo / adeus meu povo todo / todos passem muito bem / todos passem muito bem / que a mourama vai embora / que a mourama vai embora / porque é cristã também / porque é cristã também (*marcha ligeira da Chegança Santa Cruz*).

Após esse pequeno artigo que registra historicamente a *Chegança Santa Cruz de Itabaiana*, pudemos sentir a importância de estudarmos as diversas formas de manifestação da cultura popular que compõem o cenário cultural brasileiro e, ao mesmo tempo, visualizarmos as representações e o imaginário que as acompanham, sempre tendo o imprescindível cuidado de percebermos o seu dinamismo. Em momento algum tivemos a intensão de abordar o assunto de forma indiferente às limitações e incoerências ou contradições que nossas fontes apresentavam, pelo contrário, fizemos questão de explicitá-las e abrir o tema para futuras análises e trabalhos diversos e, pelo fato de não haver quase nada escrito sobre a temática principal (Chegança Santa Cruz), serviram-nos essencialmente como fontes, os depoimentos orais, que se constituíram como inesgotáveis fontes de interpretações históricas, tendo como fundamento que “as fontes orais dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida” (PORTELLI, 1979, p.27), lançamos mão do que tínhamos a nosso alcance. O resultado alcançado está longe de ter um porto final, porém nos fornece subsídios para seguirmos nossa viagem.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, MEC, 1954.

ROMERO, S. **Cantos Populares do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

DANTAS, B. G. **Chegança**. Sergipe: Cecac; UFS; 1976.

MACEDO, J. R. Mouros e Cristãos: a ritualização da conquista no velho e no novo mundo. In: ALVES, F. N. (Org.) **Brasil 2000 - Quinhentos anos do processo colonizatório: continuidades e rupturas**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2000, PP. 9-28.

Fontes

GALERIA virtual sobre as bandeiras de Portugal. Portugal: Antônio Martins. Apresenta históricos e imagens das bandeiras de Portugal. Disponível em: <http://www.terravista.pt/>. Acesso em: 17 abr. 2004.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Estudos Medievais. Porto Alegre: PUCRS – FFCH, 1996. Apresenta notícias, artigos e publicações sobre o período medieval. Disponível em: <http://www.abrem.he.com.br/>. Acesso em: 12 mai. 2004.

PORTAL Itabaiana. Itabaiana: Mark Publicidades e Produções Ltda, 2001. Apresenta textos e imagens sobre a história e a cultura da cidade de Itabaiana-SE. Disponível em: <http://www.portalitabaiana.com.br/>. Acesso em: 19 mar. 2004.

CORRÊA. A. W. Folclore: etimologia e abrangências. **Cinform**, Aracaju, n. 1063, p. 34, abr 2004.

Depoimentos

MENESES, J. S. Depoimento sobre a história da Chegança Santa Cruz, Itabaiana, fita 01, mar 2004.

DUARTE, J. T. Depoimento sobre o perfil social da Chegança Santa Cruz, Itabaiana, fita 02, mai 2004.

BISPO, J. A. Depoimento sobre os símbolos da Chegança Santa Cruz, Itabaiana, fita 03, jun 2004.